

Os últimos esforços pelo presidencialismo

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

Três opções foram apresentadas ontem ao presidente José Sarney para impedir a adoção do parlamentarismo. Ao desembarcar em Brasília no começo da tarde, vindo de Mossoró, no Rio Grande do Norte, ainda no aeroporto ele recebeu de seus mais íntimos auxiliares um quadro detalhado da situação na Assembleia Nacional Constituinte. Correndo as coisas como vão, até sábado estará aprovado o sistema parlamentarista de governo na Comissão de Sistematização, por maioria de sete votos. Diante disso, dispunha de algumas horas, ontem e hoje, para, se fosse sua decisão, convocar Ulysses Guimarães, Marco Maciel e Aureliano Chaves ao Palácio do Planalto. A eles poderia solicitar o desencadeamento de verdadeira blitz sobre os "sistemizadores", de modo a virar o jogo.

Aureliano, consagrado, pela manhã, como o líder maior do PFL ao obter do diretório nacional do partido a continuação do apoio ao governo, só terá o que ganhar caso consiga de quatro companheiros parlamentaristas que mudem de opinião. Afinal, ele é, desde já, o candidato natural e inarredável à Presidência da República pela legenda liberal. Não teria sentido elege-se para se transformar em rainha-da-Inglaterra. Ulysses também é presidencialista. Obteve significativa vitória na recente crise da reforma do Ministério e poderia, a seu turno, trabalhar com quatro parlamentaristas do PMDB, mais permeáveis a trocar de posição. Com isso talvez não se realizem as previsões de que o sistema parlamentarista de governo será aprovado por 50 votos contra 43, invertendo-se o placar para 51 a 42 em favor do presidencialismo. Até os nomes dos quatro liberais e dos quatro peemedebistas capazes de rever suas posições estão selecionados.

Essa opção é chamada de cirúrgica e não parece fácil que venha a ser adotada pelo presidente. Afinal, se fosse para entrar de sola sobre a Comissão de Sistematização, utilizando a máquina do governo, ele deveria ter agido antes. Se não o fez foi por julgar o esforço inútil ou por motivos éticos, de não misturar administração com política.

A segunda opção levada ao presidente é a de negociar com os parlamentaristas, ou seja, antes ou depois da decisão na Comissão de Sistematização, aceitar a implantação desse sistema de governo, mas só para depois de terminado o seu mandato. Equivaleria a um recuo de razoáveis proporções, ainda que não o atingisse. Estariam desmentidos seus pronunciamentos e promessas anteriores de lutar pelo presidencialismo por motivos doutrinários e políticos, e não pessoais.

A terceira estratégia, a mais provável, está em deixar a Comissão de Sistematização aprovar o parlamentarismo, até numa demonstração de imparcialidade do governo, mas começar logo a concentrar forças para a batalha final, procurando estabelecer o presidencialismo quando a matéria for discutida no plenário da Assembleia Nacional Constituinte, dentro de um mês. Existem auxiliares palacianos de primeiro plano que não julgam difícil a empreitada. O espectro do plenário, para eles, difere do espectro

da Comissão de Sistematização. Nele, o líder Mário Covas escolheu a dedo os representantes do PMDB em boa parte parlamentaristas da esquerda, ligados à sua chefia. O plenário é diferente. Inclina-se para o centro. Nele o governo dispõe de maioria, até pela recente reafirmação do apoio do PFL. A blitz a ser desencadeada por Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves seria meticulosamente preparada com o apoio dos governadores. É grande o número de deputados e senadores sujeitos à ação e à pressão dos governadores, bastando que a maioria destes começasse a usar o poder. Haveria, é claro, contrapartidas federais, em auxílio a eles.

Assim estavam dispostas as cartas, ontem. Tudo dependerá de Sarney. Ele sabe, obviamente, das múltiplas variáveis dessas três opções. Talvez não consiga de Ulysses Guimarães um empenho decidido em favor do presidencialismo. O presidente do PMDB jamais rema contra a maré, e, se sentir que seu partido se inclina pelo sistema parlamentarista, ficará com a maioria. Até porque, se deseja ser presidente da República, não faz muita questão de ver o governo exercido por um primeiro-ministro de sua confiança, no medo por ele e em condições de suportar a maior parte dos ônus e encargos administrativos. Com Aureliano Chaves acontece diferente. Deseja ser presidente da República para valer, registrando-se até a previsão de que se porventura eleito no parlamentarismo, o mínimo que fará será mandar prender o primeiro ministro por ele mesmo escolhido, depois de uma semana de convivência. O problema é que o ex-vice-governador de Minas também não deseja ir contra a corrente. Para ser candidato precisará do PFL unido.

Sarney foi mais uma vez alertado, também ontem, para o fato de que se não fizer nada, deixando o processo fluir, arriscar-se-á a ver a Comissão de Sistematização e o próprio plenário da Constituinte redimensionarem seu mandato para quatro anos. Não é boa a imagem do governo entre os parlamentares, principalmente depois da minirreforma do Ministério. Os deputados e senadores guindados ao governo, mesmo o novo titular da Educação, do PFL, breve começarão a atuar politicamente, podendo obter êxito e colaborar na pretendida blitz.

O atual período presidencial será estabelecido nas disposições transitórias, ou seja, ficará para o final da votação, seja entre os "sistemizadores", seja entre os "plenaristas". Havia ontem, porém, quem sustentasse a votação conjunta do sistema de governo e do tempo de mandato, pela íntima correlação dos temas.

Partidariamente, as coisas estão onde sempre estiveram. O PMDB ganhou a recente crise, prometeu apoiar o governo do presidente Sarney, teoricamente, mas, sempre que chega a hora das definições concretas, refugia e não apoia. O caso do parlamentarismo é exemplo claro, como poderá ser, também, da extensão do atual período presidencial. O PFL, responsável por toda a confusão do último mês, desgastou-se e não conseguiu o objetivo pelo qual lutava, de dividir o PMDB e de conquistar maiores espaços no Ministério. Sarney, de sua parte, só mudará a situação se decidir agir firme e de imediato.